

## RESENHA DO LIVRO “DOCÊNCIA VIRTUAL: UMA VISÃO CRÍTICA” DE DANIEL MILL

Fábio Dorini Mioni<sup>1</sup>

Daniel Mill é professor, pesquisador, doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutor com estudos sobre a gestão estratégica na educação a distância pela Universidade Aberta de Portugal. Mill, atualmente, trabalha como docente e gestor de Educação a distância (EaD) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Nessa mesma universidade lidera grupos de estudos e pesquisas sobre Educação a distância, e ainda é membro do Grupo de Pesquisa sobre trabalho, tecnologia e Educação da UFMG.

A partir de uma perspectiva marxista, o autor quer mostrar que as inovações tecnológicas estão inseridas no processo de trabalho pedagógico, a partir da EaD como campo de análise. Embora a docência virtual esteja inserida em uma condição mais precária, o processo de educação virtual merece mais atenção e conscientização por parte dos educadores. Seu livro consistirá em evidenciar elementos importantes ao debate sobre essa temática.

O primeiro capítulo (p. 19-43) pode ser entendido como um panorama da situação da EaD no Brasil. O desejo do autor está em partir de uma visão macroscópica, para chegar, particularmente à situação de docência virtual. Desenvolve, então, terminologia e os adjetivos atribuídos a esta modalidade educacional, destacando as qualidades deste modo de ensino. A diferença da EaD em relação ao ensino presencial, reside única e especificamente, na separação física, *espaçotemporal*, entre aluno e docente, e o uso intenso das TDIC (tecnologia digital de informação e comunicação).

Os processos pedagógicos continuam por residir em quatro elementos: ensino, aprendizagem, tecnologia e gestão. O EaD é apresentado como uma aprendizagem efetiva e de qualidade, que não se diferencia do método presencial, mas que seja tomada igualmente como educação. Neste cenário, o estudante é como um sujeito ativo do conhecimento e da aprendizagem, criando mais autonomia uma vez que ele é responsável pela própria construção do conhecimento. As novas noções de tempo e de espaço, criam possibilidades de interação, permitindo um amplo campo à aprendizagem. Esta

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Faculdade João Paulo II - FAJOPA. Bacharelado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. E-mail: [fdmioni@gmail.com](mailto:fdmioni@gmail.com)

modalidade deve buscar uma didática e uma maior compreensão do que é, para que possa se compreender melhor o fenômeno da docência virtual segundo uma pluralidade de perspectivas.

No segundo capítulo (p. 45-76), Mill argumenta que a EaD pode ser analisada tanto por meio de uma perspectiva pedagógica quanto trabalhista. Nos dois casos, a figura do estudante continua como centro do processo ensino-aprendizagem, e o trabalhador virtual como a principal figura no que concerne ao desenvolvimento de uma proposta pedagógica de qualidade. A docência virtual, surge, então, como uma variação da docência tradicional e se solidifica em moldes diferenciados das estruturas consolidadas no ensino presencial. A atividade profissional exercida à distância, através das novas tecnologias telemáticas, como internet, e-mail, telefone, etc. é definido como “teletrabalho”.

Numa análise sobre esse trabalho virtual, destaca-se ainda, mais um conceito: a *polidocência virtual*. Fundamental à análise do trabalho pedagógico pode ser definido como “uma docência coletiva, pressupondo uma equipe colaborativa e fragmentada, em que cada parte é realizada por um trabalhador distinto” (p. 68). Em outras palavras, o trabalho docente é realizado coletivamente, de modo colaborativo e fragmentário. A grande questão apresentada pelo autor, é que ainda parece estar longe o teletrabalho na EaD ser considerado, de fato, uma profissão, seja quanto à formação, à remuneração, às condições trabalhistas, e entre outros.

O terceiro capítulo (p. 77-104) se preocupa em expor as características do trabalho do docente virtual. Apresenta a estrutura organizacional da EaD e como se ela comporta na estrutura que se encontra no Brasil. Dentro dos modelos encontrados, observam-se duas logísticas de trabalho: a do tipo “virtual” e a do tipo “central-polos”. É a compreensão destas organizações que levarão a situar onde se encontra a figura do docente virtual em cada modelo. A reflexão se centrará nos teletrabalhadores denominados “*tutor virtual, docente-formador virtual*” em um primeiro momento, com um olhar sobre as tecnologias e técnicas que permitem uma interação e comunicação entre docente-estudante. Depois se voltará às competências que um “*docente virtual*” deveria ter; a satisfação do docente com o teletrabalho e quais doenças, ou mal-estar, acometeram sobre o docente a partir de que assumiram esta forma de trabalho. Os “*docentes virtuais*” dominam muitas das técnicas e tecnologias oferecidas frente ao trabalho da docência, e são satisfeitos com o teletrabalho, pois permite a flexibilização do tempo, mas, segundo muitos, cria-se um vínculo que tange o caráter afetivo, a amizade, com os estudantes por

conta da preocupação com a proposta pedagógica, metodológica e com as técnicas. Por outro lado, há uma sobrecarga de trabalho e um acúmulo de tarefas, pois a remuneração para este tipo de trabalho é baixa, o que leva os docentes a verem este trabalho como um complementar da renda básica. Para que a docência virtual se torne um trabalho mais competente e favorável deve ser aplicadas condições de trabalho adequadas e que favoreçam o docente e o estudante, seja no suporte técnico, seja no suporte humano.

No quarto capítulo (p. 105-145), Mill considera que a educação está relacionada com tempos e espaços e, por isso, lança luz nesse aspecto *espaçotemporal* da educação virtual, destacando as especificidades dos tempos e espaços do teletrabalhador docente. Seu objetivo não é de criar um tratado em torno da discussão sobre as categorias de “tempo” e “espaço”, todavia situar a discussão no âmbito da educação, e, sobretudo, no contexto do trabalhador docente na educação virtual. Após apresentar aproximações conceituais de tempo e espaço, indica que o espaço do teletrabalho, o “*ciberespaço*”, é como um espaço que se abre somente quando o usuário se conecta com a rede, ou seja, ele é um espaço real, com uma geografia diferente de tudo o que a humanidade já havia experimentado antes, e mesmo sendo paralelo ao espaço físico, é coerente e dependente deste, pois havendo ou não ciberespaço, haverá, sempre, o espaço físico. No que diz respeito ao “tempo”, adota a concepção de “*tempo especializado*” composta por eventos, tendo o movimento como sua essência. A sala de aula virtual caracteriza-se, essencialmente, pelo ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Este surge como uma simulação digitalizada dos tradicionais ambientes pedagógicos e com a ambição de oferecer todas as condições necessárias a fim de que o conhecimento seja construído. Como o AVA se instala no ciberespaço, ele é constituído de novos espaços e tempos relacionais e educacionais (p. 139). O AVA é, então, a nova configuração de sala de aula, tendo outra materialidade e temporalidade distinta, sendo o principal lugar de trabalho dos docentes virtuais.

No quinto capítulo (p. 147-182), o autor analisa os aspectos decorrentes da inserção do trabalho virtual na vida cotidiana, olhando o teletrabalhador docente. No que diz respeito ao lazer e descanso na educação virtual, difere tempo livre (tempo não dedicado ao trabalho, que não é necessariamente, tempo dedicado ao lazer) de tempo não livre. O educador virtual deve usar de maneira disciplinada seus tempos e espaços de trabalho no tocante aos momentos e lugares de lazer e ócio, ou de convívio familiar e de vida social. O autor, apresenta, nesse sentido, uma série de dicas selecionadas que estão relacionadas à questão da organização *espaçotemporal* do teletrabalhador docente. Em

primeiro lugar, precisa *convencer-se* se é exatamente isso que deseja e saber que a dedicação implica ser contínua; necessita ser extremamente *organizado*; *disciplinar-se*, pois ritmo e periodicidade ajudam a não acumular trabalho; *expressar-se* com objetividade em suas orientações; *compartilhar* com empatia, para também entender o outro. A palavra-chave é *dedicar-se*, porque o aluno do curso a distância parece ser mais *carente* e, por isso, o cuidado de maior atenção. Além disso, urge *responsabilizar-se*, visto que EaD é um trabalho difícil; *cuidar-se* e *desafiar-se, trabalhando com dedicação e empenho*.

A discussão do sexto capítulo (p. 183-224) recai sobre as condições de trabalho na qual o educador polidocente e virtual está submetido, partindo sobre a reflexão da coletividade de trabalhadores. Logo, o objetivo desse capítulo é analisar a configuração do coletivo de trabalho dos docentes virtuais em função da flexibilidade *espaçotemporal* e da sua relação com associações representativas (sindicatos). As condições de trabalho do teletrabalhador docente se resumem na crença de crescente precarização do trabalho. Em suma, podemos dizer que as condições de trabalho na educação virtual têm se caracterizado de tal maneira: a carga horária é alta e tem dupla jornada de trabalho (as mulheres acabam tendo a terceira jornada de trabalho, uma vez que as tarefas domésticas já ocupam a segunda). Há um elevado número de alunos por docente em um trabalho que tende a ser realizado ou à noite, ou em horários de tempo livre ao descanso, pois, como vimos, é visto como fonte de renda extra. Os contratos de trabalho em EaD nem sempre existem, e quando existem, são vagos e, às vezes, pagos na forma de bolsas de trabalho. Os ganhos salariais, por serem, em média, baixos, não são capazes de configurar a principal fonte de renda do grupo familiar. A condição de trabalho se torna insatisfatória, por causa de que não há preocupação com as despesas, equipamentos e serviços do teletrabalhador. Os espaços e tempos dedicado ao teletrabalho são flexibilizados e inconstantes em virtude da responsabilidade e da necessidade de atividades diversas. Tudo isso gera uma dificuldade do teletrabalhador docente ferir seu tempo e espaço no contexto familiar e de vida privada, e ainda faltam informações no que tange aos direitos e deveres peculiares ao teletrabalho. Mill afirma que há a necessidade de lutas por legislação mais adequada e orientações para capacitar os teletrabalhadores em relação a seus direitos e como ponto de partida para uma possível melhora, sugere mais atenção ao contrato de trabalho e mais organização dos teletrabalhadores virtuais.

No sétimo capítulo (p. 225-258), Mill apresenta algumas particularidades do trabalho docente em EaD para mostrar (ou não) a existência de distinções nas relações

sociais de sexo. A análise apresentada baseia-se nas suas próprias investigações e está estruturada na concepção de “*relações de sexo*” apresentada por Daniele Kergoat. O teletrabalho não dá conta das peculiaridades das relações sociais de sexo, por essa razão, é um equívoco analisar o gênero das tecnologias de EaD isoladamente, mas é preciso considerar que o trabalho docente constitui um campo de trabalho marcadamente feminino (significando um avanço na feminização das tecnologias). Porém, pelo fato de o lado feminino ter uma longa história de subordinação e segregação social, além de ser qualificado como incompetente ao trabalho com tecnologias, o sexo da tecnologia seria, então, masculino. Há a necessidade de uma inclusão e igualdade de tratamento e, citando Schneider e Rosensohn, afirma que teletrabalhador deve se apoiar em três pontos: igualdade de tratamento entre homens e mulheres (cuja discussão fora apresentada nesse capítulo); evitar o risco de trabalho aos negros, e o teletrabalhador deve ser voluntário (estes dois últimos apenas mencionados por Mill).

Para fechar a discussão, apresenta, no capítulo oitavo (p. 259-292), alguns elementos à contratação da força de trabalho docente na educação virtual. Dentre os muitos aspectos que devem ser levados em conta, por influenciar as condições de trabalho de um docente formador, destacam-se: o número de alunos a ser atendido, o volume de trabalho, a participação na elaboração de materiais didáticos, a disponibilidade do tutor, o lugar e horário de trabalho, os custos dos serviços de internet, energia elétrica e equipamentos utilizados como meio à realização do trabalho, remuneração e proventos pela tutoria.

A leitura do livro é agradável e exige atenção. O autor faz um caminho muito didático, sempre apresentando seu objetivo, as premissas, e as conclusões por meio das considerações finais. Isso acontece em cada um dos capítulos, bem como, à obra como um todo, trazendo uniformidade para sua pesquisa. Vários autores são citados e várias referências bibliográficas são apresentadas, dando fundamento a sua argumentação. A docência virtual, precisa de mais cuidado e urge ser tomada como uma poderosa ferramenta no intuito da construção do conhecimento. Seu crescimento traz oportunidades para toda a humanidade e, por esse motivo, remete ser visto como uma real variação do ensino tradicional. Diante da pandemia causada pelo novo coronavírus, o COVID-19, as plataformas virtuais se tornaram as novas salas de aulas da maioria dos estudantes ao redor de todo o mundo e, conseqüentemente a atenção se voltou à docência virtual e à EaD. A reflexão de Mill, além de um convite para uma visão crítica sobre esta, é, sobretudo, um despertar de consciência para sua importância, e à profissionalidade do

processo de aprendizagem em plataformas virtuais. Com efeito, ela é de profunda atualidade, e ganha ainda maior força, devido à “*virtualidade forçada*” instigada pelo novo coronavírus.

### **Referências**

MILL, D. *Docência virtual: uma visão crítica*. Campinas (SP): Papirus, 2012.

*Recebido em: 25/06/2020*

*Aprovado em: 31/06/2020*